

HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO FEMINISTA: REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Iana Jessica Ximenes Paiva¹
Geysse Gadelha Rocha²
Eliomar Araújo de Sousa³
José Rafael Barros de Moraes⁴
Daniele Kelly Lima de Oliveira⁵

RESUMO

Uma das formas de entender o papel da mulher nesta sociedade é conhecendo a história pela qual ela foi, por muitas vezes, esquecida e excluída, diante de diversas conquistas na sociedade. Durante o curso da história a mulher foi discriminada, por conta do seu gênero. Observamos que isso ocorreu também na educação, visto que foi atribuída aos homens a condição de donos do conhecimento, enquanto a mulher permanecia por diversos séculos à mercê do homem, e da condição submissa imposta pela sociedade machista e patriarcal. Sendo assim, este estudo tem como objetivo geral traçar um breve histórico acerca do movimento feminista até os dias de hoje. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi um estudo teórico bibliográfico. Os autores utilizados na construção desse trabalho foram Angela Davis; Maria Lúcia Duriguetto e Verônica Alagoano; Raiana Siqueira Mendes, Bruna Josefa de Oliveira Vaz e Amasa Ferreira Carvalho; Heleieth Iara Bongiovani Saffioti; Cynthia Andersen Sarti; Vera Soares; Naomi Wolf; Mulheres da FENED. Concluímos que é de extrema relevância compreender a história de resistência das mulheres e a luta do movimento feminista para a sociedade.

Palavras-chave: Feminismo, Luta, Resistência.

INTRODUÇÃO

¹ Pós-Graduada em Gestão, Supervisão e Coordenação Escolar pelo Instituto Lato Sensu. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro do grupo de estudo Gramsci e a formação do educador/UVA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: ianajessica42@gmail.com

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: geyssegadelhar@gmail.com

³ Pós-Graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: elio2015@hotmail.com

⁴ Graduado Pós-Graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim. Graduado em Letras/Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: rafabarros.letas@gmail.com

⁵ Professora adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGEB/UFC). Coordenadora dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador (UVA), e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE/UVA). Coordenadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: dankel28@yahoo.com.br

Quem estuda a história do movimento feminista sabe que a história de vida das mulheres foi marcada por lutas e resistências, numa sociedade machista e patriarcal. Nos séculos XVIII e XIX, na Europa e nos Estados Unidos surgiu o movimento feminista, cujas primeiras lutas foram pelo voto, direitos da mulher e melhores condições de trabalho.

Na história do gênero humano, a mulher foi deixada em segundo plano em prol do protagonismo do homem. Observamos que isso ocorreu também na educação, visto que foi atribuída aos homens a condição de donos do conhecimento, enquanto a mulher permanecia por diversos séculos à mercê do homem, e da condição submissa imposta pela sociedade machista e patriarcal. Sendo assim, este estudo tem como objetivo geral traçar um breve histórico acerca do movimento feminista até os dias de hoje.

Esse trabalho surge a partir dos estudos realizados no grupo de estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE), e no Projeto de Pesquisa Educação e os fundamentos históricos da opressão feminina, todos abrigados no Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR), sediado na Universidade Estadual Vale do Acaraú e coordenados pela professora Dra. Daniele Kelly.

A história do feminismo foi marcada por três momentos chamados de ondas, no século XIX, com a eclosão do movimento *Women's Suffrage* (Mulheres sufragistas) foi considerada como a primeira onda do feminismo. Nas décadas de 1960 e 1970, foi consolidada a segunda onda, cujas lutas giravam em torno da igualdade de gênero e sexualidade, passaram a questionar toda forma de opressão e submissão a qual eram submetidas.

Na terceira onda do feminismo na década de 1990, as mulheres passaram a entender as opressões e a discriminação com relação ao seu papel na sociedade e a buscar discutir sobre as construções sociais. Ainda nessa década as mulheres lutavam pela liberdade de escolha e emancipação, independentemente da sua raça, classe, comportamento e orientação sexual. Nesse período também se iniciou o debates acerca das divisões do feminismo.

A vida das mulheres foi e ainda hoje é baseada em resistência e luta, nesse sentido durante a história, a mulher ingressou em diversos núcleos, associações e partidos, a fim de se organizar em coletivo. Durante a história, diversos direitos foram negados às mulheres, como por exemplo, de estudar e de ingressar nas universidades.

Apesar das lutas feministas, a desigualdade de gênero não foi superada. Todo dia mulheres morrem apenas por sua condição de gênero, na qual segundo a ONU Brasil, a taxa

de feminicídio do Brasil é a quinta maior do mundo e a taxa piora para as mulheres negras. (ONU BR, 2016).

A luta ainda pela igualdade salarial, pela entrada de mulheres nos cursos de ensino superior, predominantemente composto por homens, contra o sexismo e contra a cultura do estupro e a conscientização e a educação das mulheres sobre o movimento feminista e o feminismo que foi tão massacrado e desqualificado em todas as épocas.

Dessa forma, este estudo vem discutir sobre a história do movimento feminista, as lutas e conquistas marcadas pela resistência das mulheres, como contribuição para refletirmos sobre o papel da mulher na história, e compreendermos o porquê de um modelo de educação feminina que prezava pela construção de um estereótipo da figura da mulher como frágil e submissa. Isso nos permitirá ir desconstruindo a pseudo ideia de naturalidade da mulher como dependente do homem e acena para um modelo de educação emancipatória, para além da cultura regida pelo patriarcado. No decorrer desse trabalho foram apresentados avanços e dificuldades pelos quais o movimento feminista passou e ainda passa até hoje. Sua importância e estudo se faz necessário para desconstruir preconceitos e construir uma sociedade melhor e justa para as mulheres.

Desse modo este estudo tem como por objetivo geral traçar um panorama geral acerca da história do movimento feminista. A partir de nossos estudos e debates promovidos no grupo de estudos e projeto de pesquisa surgiram alguns questionamentos: A sociedade entende o que é feminismo? Como a sociedade enxerga a atuação do movimento de mulheres na sociedade? Qual a importância de estudar sobre feminismo? E a partir desses questionamentos procuramos entender e investigar a importância do movimento feminista para a sociedade e a luta das mulheres, fazendo um panorama histórico acerca do tema.

METODOLOGIA

A metodologia adotada caracteriza-se como um levantamento teórico bibliográfico, sendo assim a fundamentação teórica foi feita através de leituras de livros e artigos acerca do tema proposto, deixando evidente a importância do feminismo e o seu papel na sociedade.

Os livros e artigos lidos para esse estudo foram “Mulheres, raça e classe” de Ângela Davis; “O movimento feminista” na produção acadêmica dos cursos de Pós-graduação em Serviço Social de Maria Lúcia Duriguetto e Verônica Alagoano; “O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher” de Raiana Siqueira Mendes, Bruna Josefa de Oliveira

Vaz e Amasa Ferreira Carvalho; “A mulher na sociedade de classes” de Heleieth Iara Bongiovani Saffioti; “Gênero patriarcado violência” de Heleieth Iara Bongiovani Saffioti.

“O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória” de Cynthia Andersen Sarti; “Movimento feminista paradigmas e desafios” de Vera Soares; “O mito da beleza” de Naomi Wolf e a “Cartilha Feminista” das mulheres da FENED.

O trabalho foi dividindo da seguinte forma, após a introdução, foi feito um levantamento histórico sobre o movimento feminista no mundo, buscando fazer um apanhado histórico, visando conhecer e entender a luta do movimento feminista. Em seguida trataremos sobre o movimento feminista no Brasil e como se desencadeou e perpetuou na sociedade.

Encerramos com as considerações finais, nas quais concluímos que o estudo acerca do movimento feminista é de grande relevância para a sociedade, para que as pessoas percebem como a desigualdade de gênero se desdobra na sociedade e buscar através desse estudo emancipação e o empoderamento das mulheres.

DESENVOLVIMENTO

Entendemos que esse movimento específico pelos direitos das mulheres é imprescindível especialmente num modelo de sociedade machista e patriarcal na qual vivemos, mas também temos clareza que é uma luta que está imbricada no embate pela emancipação da humanidade. Portanto, lutar pela libertação da mulher implica também lutar pela libertação da humanidade de um sistema de opressão e divisão social. Desenvolveremos nosso pensamento à luz desse pressuposto, trazendo a história do movimento feminista sem perder a dimensão da luta de classes.

Em meados dos séculos XVIII e XIX, na Europa e nos Estados Unidos, surgiu o movimento feminista, cujas primeiras lutas giraram em torno do papel e dos direitos da mulher na sociedade, como por exemplo, o direito ao voto, ao divórcio e por melhores condições de trabalho. “A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social.” (SAFFIOTI, 2013, p. 61).

Para Duriguetto e Alagoano (2018, p. 233) “Delas foi extraído o mais alto nível de exploração da mais-valia absoluta, por meio da ampliação da jornada de trabalho e de salários inferiores aos dos homens”. Sendo assim, as mulheres passaram a questionar seu papel no trabalho, na vida política e no lugar imposto pela sociedade.

No século de XIX, eclodiu na Inglaterra, o movimento *Women's Suffrage* (Mulheres sufragistas) que lutavam pelos direitos, em especial ao voto, e por condições mais justas e iguais para as mulheres. No dia 08 de março de 1857, centenas de mulheres operárias da indústria têxtil em greve por condições melhores de trabalho foram reprimidas e carbonizadas em Nova York, a partir desse fato em 1910, foi criado o dia internacional de luta das mulheres. A conquista pelo voto só aconteceu em 1918, no Reino Unido sendo caracterizado como a primeira onda do feminismo. Entretanto, em alguns países o direito ao voto foi conquistado em datas bem posteriores ao do Reino Unido, por exemplo, no Brasil as mulheres conquistaram esse direito em 1932.

Na década de 1960, consolidou-se a segunda onda do feminismo dando continuidade às lutas anteriores, porém ampliou-se o debate sobre igualdade de gênero e sexualidade. Nesse período as mulheres protestavam contra os concursos de beleza, nos quais a sociedade criou um padrão de beleza. Como afirma Wolf (1992, p. 11) “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas.” Então, além de lidarmos com a busca e a luta por direitos básicos, somos submetidas pela sociedade patriarcal a um padrão de beleza que elege um tipo de mulher perfeita e as mulheres que estão fora desse padrão são excluídas e desqualificadas por essa sociedade. De acordo com as mulheres da FENED

Quando falamos da padronização da beleza (“ditadura da beleza”), encaramos um problema sério de tentativa de adequação das mulheres a padrões estéticos, que leva, desde muito cedo, ao desenvolvimento de distúrbios alimentares pelas jovens, como anorexia e bulimia, em busca da beleza a qualquer custo. Outra faceta da mídia é a averiguação de como as reivindicações históricas do movimento feminista como o aborto, as desigualdades enfrentadas no mercado de trabalho e a violência contra a mulher são tratados. (2012, p. 3)

Em 1970, se intensificou a luta por igualdade, pois as mulheres passaram a questionar toda forma de opressão e submissão às quais eram submetidas em qualquer âmbito, seja profissional, social ou emocional. Também entraram em pauta questões como maternidade, liberdade sexual e direitos de reprodução. Nesse cenário que começou a surgir o conceito de coletividade entre as mulheres, entretanto começaram a perceber o real propósito do que as unia. Então, se consolidou a segunda onda do movimento feminista. Entraram nesse período as mulheres negras e lésbicas, que se juntaram ao movimento trazendo novas discussões e força ao movimento feminista. “Por mais omissas que as primeiras militantes pelos direitos das mulheres tenham sido em relação à condição de suas irmãs negras, os ecos do novo movimento de mulheres foram ouvidos por toda a luta organizada pela libertação negra.” (DAVIS, 2016, p. 69).

Na década de 1990, surgiu a terceira onda feminista, na qual as mulheres passaram a lutar pela liberdade de escolha e emancipação, independentemente de raça, classe, comportamento, vestimentas e orientação sexual. Nessa fase as mulheres passaram a entender que as opressões e discriminações do seu papel na sociedade são construções sociais e que podem e devem ser discutidos e desconstruídos. O movimento feminista tem divisões que abordam questões específicas de alguns grupos como, por exemplo: as mulheres negras, transexuais, lésbicas, indígenas, prostitutas e etc.

Tivemos grandes conquistas em 1948, no dia 10 de dezembro, a Organização das Nações Unidas – ONU proclamou a Declaração dos Direitos Humanos, na qual demonstrava a necessidade da valorização da mulher. No mesmo ano no dia 02 de maio foi publicado a Convenção Interamericana sobre a Concessão dos Direitos Civis à Mulher, foi assinado em Bogotá no dia 02 de maio, o decreto na qual as mulheres devem gozar dos mesmos direitos civis dos homens.

Em 1951, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicou a Convenção nº 100 que determinou a obrigatoriedade de igualdade salarial entre homens e mulheres, em 1953 foi proclamada a convenção sobre os direitos da mulher, na qual foi igualado os direitos políticos das mulheres iguais aos dos homens e condições iguais de acesso às funções públicas. A OIT proclamou diversas convenções no intuito de alavancar as mulheres no mercado de trabalho, por dignidade, condições de trabalhos melhores e independência. Em 1962 foi retirado do código civil os artigos que submetiam as mulheres casadas à autorização do marido para trabalhar ou viajar.

No ano de 1975, foi realizada a I Conferência Mundial sobre a Mulher pela ONU, na qual foi reconhecido o direito a integridade física, a autonomia sobre decisões acerca do próprio corpo e o direito a maternidade opcional. Posteriormente em 1979, aconteceu a Convenção da Mulher, que tinha como objetivo eliminar todas as formas de discriminação contra a mulher, na qual a ONU reconheceu o dia 08 de março como o Dia Internacional das Mulheres. Mas apenas em 1993, na cidade de Viena na Conferência de Direitos Humanos das Nações Unidas que surgiu a real preocupação e discussão sobre a violência contra as mulheres e a partir disso a violência contra a mulher foi considerada um tipo de violação dos direitos humanos. No próximo capítulo abordaremos resumidamente a história do movimento feminista no Brasil e suas conquistas.

No Brasil a primeira onda do feminismo surgiu a partir das lutas pelo direito ao voto, na qual temos Bertha Lutz, bióloga, cientista que estudou no exterior e voltou para o Brasil na

década de 1910, como protagonista na luta pelo voto, também lutavam pelo divórcio, instrução educacional e trabalho assalariado, conquistando o direito ao voto em 1932. Entretanto o movimento perde força e passa um longo período de inércia.

O movimento feminista ganhou força na década de 1970, quando rompeu com valores tradicionais e conservadores e traz uma nova versão para a mulher brasileira, na qual nesse período elas começam a se manifestar em defesa dos seus direitos e necessidades e passam a compreender as desigualdades a qual estavam inseridas. “Argumenta-se que, embora influenciado pelas experiências europeias e norte americana, o início do feminismo brasileiro dos anos 1970, foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964” (SARTI, 2004, p. 36).

Nesse contexto, o Brasil vinha de uma situação nada favorável para os movimentos sociais e principalmente para o movimento feminista, chamado de ditadura militar. As mulheres participaram da luta contra a ditadura militar de diversas formas, muitas dessas mulheres, ainda durante a ditadura, ousaram romper com as posturas tradicionais e misóginas reproduzidas por boa parte da própria esquerda a qual pertenciam.

Uma parcela dos movimentos de mulheres contemporâneos, no Brasil, nasceu dos grupos de vizinhança nas periferias dos grandes centros urbanos. As mulheres dos bairros populares construíram uma dinâmica política própria. Através de seus papéis socialmente designados de esposas e mães, fizeram os primeiros protestos contra o regime militar. (SOARES, 1994, p. 16).

O Movimento Feminista no Brasil durante ditadura foi extremamente efetivo e participativo nas lutas, as mulheres passaram a quebrar um tabu durante esse período, na qual deixaram para trás o estereótipo de “rainhas do lar” e começaram a utilizar armas e estarem na linha de frente no processo contra a ditadura.

A inserção das mulheres na guerrilha caracterizou uma importante quebra de tabu em detrimento do estereótipo feminino (rainha do lar), pois ver uma mulher portando uma arma e partindo para o enfrentamento direto com os militares era algo surpreendente. (MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015, p. 92).

Na década de 1970, muitas militantes feministas foram exiladas, presas, torturadas e mortas durante a ditadura militar, um exemplo foi a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff que com 24 anos foi presa e torturada por seus perseguidores durante a ditadura.

Foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970. O regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas. (PINTO, 2010, p.16 apud MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015, p. 92).

Em 1975, no dia 08 de março, foi oficializado como o Dia Internacional da Mulher pela ONU, para lembrar as suas conquistas políticas e sociais. Na década de 1980, que o Movimento Feminista ganhou mais força, as mulheres se engajaram dentro do movimento de mulheres, sindicatos, partidos e associações em busca da igualdade de gênero, seus direitos e por sua autonomia. Trazendo debates voltados à violência, igualdade no casamento, orientação sexual, liberdade sobre seu próprio corpo e a maternidade. Nesse momento, entrou em pauta no Brasil o movimento feminista com caráter social.

Nos anos 80 o movimento de mulheres no Brasil era uma força política e social consolidada. Explicitou-se um discurso feminista em que estavam em jogo as relações de gênero. As ideias feministas difundiram-se no cenário social do país, produto não só da atuação de suas porta-vozes diretas, mas do clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava como a brasileira. Os grupos feministas alastraram-se pelo país. Houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular. (SARTI, 1998, p.8 apud MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015, p. 93).

Sendo assim sabemos que muitas conquistas vieram de mulheres da classe média intelectualizadas da época, que tinham fácil acesso apesar das dificuldades a estudos voltados a construção de um pensamento crítico, com textos marxistas e socialistas.

Apesar das conquistas relevantes na história de uma sociedade marcada pelo machismo e pelo patriarcado, a mulher passa ainda por diversas dificuldades. Podemos analisar que hoje, em pleno século XXI, não temos um número considerável de mulheres dentro da política, ainda não ocupamos muitos cargos de poder. O que nos faz refletir sobre representatividade feminina no governo, quem vai representar as pautas feministas?

Apesar das conquistas, ainda temos muitas lutas a travar, que só serão conquistadas se o movimento estiver unido na luta pelos direitos e o reconhecimento do movimento feminista como algo primordial para nossa sobrevivência e conquistas. Então se faz necessário que o governo entre com mais políticas públicas voltadas para mulheres para garantir nossos direitos e proteção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A desigualdade de gênero apesar das lutas do movimento feminista, ainda não foi desconstruída e erradicada. Todo dia mulheres morrem por conta da sua condição de gênero, apenas por serem mulheres. Os padrões de beleza ainda impostos até hoje condicionam mulheres a se automutilarem “Desde a Revolução Industrial, as mulheres ocidentais da classe

média vêm sendo controladas tanto por ideais e estereótipos quanto por restrições de ordem material”. (WOLF, 1992, p.18).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a taxa de feminicídio é de 4,8 para 100 mil mulheres o Brasil é a quinta maior no mundo. Em 2015, o mapa da violência sobre feminicídio mostrou que nos anos de 2003 a 2013 o número de mulheres negras assassinadas cresceram 54% passando de 1.864 para 2.875.(Nações Unidas Brasil – 2016).

Incontáveis são os desafios que nós mulheres temos que enfrentar durante toda nossa vida, lembrando sempre das conquistas de mulheres feministas que nos possibilitaram adentrar nas escolas, nas universidades, compreender o nosso papel na sociedade e buscar sermos protagonistas da vida em todas as áreas que nos rodeiam. Ainda lutamos como a descriminalização do aborto, assédio em todos os ambientes em que estamos inseridas, violência contra as mulheres e falta de representatividade na política, nos mostra o quanto é importante compreendermos o movimento feminista como um todo e a sua relevância na sociedade durante uma história marcada de forma brutal pelo machismo, violência, desigualdade de gênero e patriarcado. Portanto vemos a importância do movimento feminista e de nós estudantes estarmos estudando sobre o assunto e participando do movimento a fim de lutar não apenas por si, mas por todas as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo considerando o resgate histórico, a mulher foi excluída e invisibilizada, sofrendo diversas discriminações e desigualdade. Diversos discursos machistas foram criados com relação à mulher, o que acabou gerando uma desigualdade entre os gêneros e segregando sua participação e seu papel na sociedade.

Apesar das conquistas das mulheres, mesmo tendo conquistado alguns espaços que antes não nos cabia, vemos que ainda hoje se faz necessário o debate e o estudo acerca do feminismo, pois as mulheres precisam conhecer sua história e quem lutou para chegar onde estamos hoje.

Cabe ressaltar que só vamos compreender as diversas opressões que as mulheres sofrem nessa sociedade, se conhecermos nossa história, nossa luta e as batalhas que travamos todo dia contra o machismo e o patriarcado. Compreender e investigar o percurso do movimento feminista é extremamente necessário para a emancipação e o empoderamento das mulheres.

Diante de tudo que foi exposto, é notório que a história do feminismo e a luta do movimento feminista em todos os espaços, ainda são invisibilizados, desqualificados e esquecidos. Então, cabe a nós, que acreditamos no feminismo seja qual vertente for, desconstruir os preconceitos e construir uma consciência coletiva e unida, para que alcancemos uma sociedade justa e igualitária, e acreditarmos que um dia não precisaremos mais do feminismo, pois todos os problemas e dificuldades impostas às mulheres seja de classe, gênero ou raça serão resolvidos, talvez seja uma utopia acreditar que um dia ganharemos essa luta e todos entenderão o papel e a importância do movimento feminista na história e na sociedade.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela, 1944. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; ALAGOANO, Verônica. **O movimento feminista na produção acadêmica dos cursos de pós-graduação em Serviço Social**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.139> / >. Acesso em: 12 fev 2019.

Lugar de mulher também é na política. **Senado Notícias**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/03/08/lugar-de-mulher-tambem-e-na-politica> >. Acesso em: 30 abr 2019.

MENDES, Raiana Siqueira; VAZ, Bruna Josefa de Oliveira; CARVALHO, Amasa Ferreira. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas** - Universidade Federal da Paraíba n. 03, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index>>. Acesso em: 30 abr 2019.

ONU: Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/> >. Acesso em: 01 abr 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 264, maio/ ago. 2004.

SOARES, Vera. Movimento Feminista Paradigmas e desafios. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 11, jan. 1994. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16089>>. Acesso em: 07 maio 2019.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenação Nacional de Estudantes de Direito. Mulheres da FENED. **Cartilha Feminista**. Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/caar/wp.../Cartilha-Mulheres-FENED1.pdf> > Acesso em: 03 maio 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.